



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes - IdA
Curso de Licenciatura em Música
Trabalho de Conclusão de Curso

Adriel Correia Amâncio

**ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA:
Observação de aulas de bateria online, utilizando o guia da Online Learning
Consortium**

Brasília-DF
2018

Adriel Correia Amâncio

ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA:
Observação de aulas de bateria online, utilizando o guia da Online Learning Consortium

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Brasília-DF, 17 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Affonso Marins
Universidade de Brasília
Orientador

Prof. Ms. Alessandro Borges Cordeiro
Universidade de Brasília
Examinador

Prof. Dr. Hugo Leonardo Ribeiro
Universidade de Brasília
Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me concedido o dom da vida, saúde e condições de chegar até aqui.

A minha esposa Thaís Amâncio que suportou minhas ausências devido às aulas e as várias horas de estudos em casa. Também a minha filha Laís Amâncio, que acabou de nascer e me fez buscar novas estratégias para persistir no sonho de concluir meu curso.

A minha família que sempre me apoiou e esteve ao meu lado.

A meu professor Dr. Paulo Roberto Affonso Marins por me orientar nesse trabalho e me ensinar a cada novo encontro que tivemos. Assim como meus professores Ms. Simone Lacorte Recova, Dra. Delmary Vasconcelos de Abreu e Ms. Ataíde de Mattos, que tiveram um papel fundamental em minha formação e permanência na universidade. A vocês o meu muito obrigado por todos os ensinamentos, palavras de incentivo e críticas que me fizeram caminhar e crescer a cada dia. Agradeço também aos demais professores da UnB, pois todos tiveram sua participação em minha formação acadêmica.

Aos colegas que tive a oportunidade de fazer durante esses quatro anos que aqui passei e em especial ao aluno do mestrado Maestro Eldon Soares por suas ajudas nesse trabalho de conclusão.

SUMÁRIO

RESUMO	5
PRÓLOGO	6
INTRODUÇÃO	8
1- REVISÃO DE LITERATURA	10
2- METODOLOGIA	15
3- RESULTADOS DA AVALIAÇÃO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	49

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo observar fatores que possam auxiliar um professor de bateria, no desenvolvimento de um curso de bateria não formal à distância. Para isso foi utilizado um questionário da Online Learning Consortium aplicado no curso de bateria à distância do baterista Alexandre Fininho. O questionário é composto por seis tópicos e tem o intuito de avaliar e credenciar novos cursos na modalidade EaD. Em relação ao curso avaliado, ele é online, à distância, e as aulas são gravadas e enviadas para o aluno por whatsapp ou por e-mail. Nesse trabalho observei o funcionamento do curso, baseando-me na aplicação das perguntas do questionário da OLC, com o intuito de entender um pouco mais sobre as qualidades específicas e necessárias de um curso a distância e como esses fatores podem auxiliar como possível modelo na elaboração de cursos à distância. Após as observações e das análises, tomando como referência a literatura de pesquisas já realizadas na área concluímos que sobre o curso de bateria online observado e ao que ele se propõe em sua forma de ensino, vemos que ele obedece bem aos critérios estipulados no ONLINE CONSORTIUM, mas poderia buscar um melhor aproveitamento no tópico “E” que trata da interação com os alunos, já que as aulas são gravadas e não proporcionam um contato direto com o estudante.

Palavras-chave: Ensino de bateria; Online Learning Consortium; Educação musical à distância;

PRÓLOGO

Sou natural do Rio de Janeiro e residente em Brasília desde os 12 anos, comecei minha trajetória na música em dezembro de 2000, aos 16 anos tocando bateria na igreja Assembleia de Deus do Novo Milênio no Núcleo Bandeirante/DF, ainda sem ter participado de nenhuma aula de música. Em março de 2001, comecei a estudar no Instituto Bateras Beat, em Brasília, onde tive aulas por cerca de 6 (seis) a 8 (oito) meses. Lá tive a oportunidade de conhecer vários bateristas profissionais, assim como o próprio Dino Verdade, fundador e proprietário da escola, e ao seu lado pude apresentar uma peça de caixa no Teatro dos Bancários em 2001. Ao sair de lá tive aulas particulares com outros professores da cidade, e passei por outras escolas de Bateria.

Em 2004 comecei a cursar Licenciatura em Educação Física, o que me afastou dos estudos musicais, mas não de continuar tocando, o que me manteve dentro da música e de certa forma ainda me fazia ter uma prática no instrumento. Nesse período tive a oportunidade de tocar com alguns cantores da região e cantores do meio gospel que vinham à cidade. Particpei do lançamento do CD da Batista Shalom em 2005 no Teatro Nacional, sala Villas Lobo e viajei por algumas vezes para tocar em cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Montes Belos/GO, dentre outras.

Enquanto professor de música, ministrei aulas particulares e no Instituto Bateras Beat.

Ministrei aulas de bateria desde que completei um mês que comecei a estudar, após procura de vários pais na igreja que eu frequentava e por acreditar que estaria pelo menos “uma folha” a frente do meu aluno. Isso me fez estudar ainda mais e em três meses já estava com dez alunos. Ministrei aulas particulares entre 2001 e 2004.

Em 2013 após entrar na EMB, resolvi voltar a dar aula particular de bateria, agora com o intuito de ter uma renda extra em casa. Foi aqui que entrou em cena meu grande amigo Adriel Sorriso, que me incentivou a profissionalizar essas aulas e montar meu próprio local para dar aulas. Em dezembro de 2013 eu inaugurei o Instituto de Bateria 2A – Adriel Amâncio, o que logo se tornou Instituto de Música 2A, com aulas de bateria, guitarra, violão e canto.

Atualmente dedico-me apenas a meu instituto de música, onde tenho ministrado aulas de Bateria, Cajon e Musicalização Infantil, além de estar escrevendo um método próprio de bateria que se divide em quatro módulos e foca o aprendizado de ritmos que se tocam com frequência nas igrejas evangélicas, tendo em vista hoje ser o meu maior público.

No meio do ano de 2013 resolvi voltar a estudar bateria e me inscrevi para fazer a prova da Escola de Música de Brasília (EMB). Fui aprovado e convocado a fazer minha matrícula no curso Básico em Bateria, o qual teve uma duração de 6 semestres (três anos), terminando então no 1º semestre de 2016. Após a conclusão do curso Básico me inscrevi para fazer a prova do Técnico em Bateria e aprovado dei continuidade aos meus estudos na Escola de Música de Brasília, no 2º semestre de 2016. Na EMB tive a oportunidade de estudar com grandes professores e bateristas de Brasília.

No início de 2015 comecei a cursar Licenciatura em Música na Universidade de Brasília, o que tem um papel importantíssimo na minha formação e atualização como professor.

Além de aulas particulares, liderei dois projetos de bateria em lugares diferentes dentro da cidade do São Sebastião, onde atendíamos crianças carentes da região e utilizávamos a música como auxílio na tentativa de amenizar ainda que momentaneamente as várias mazelas ocasionadas pela baixa captação de renda na comunidade local. Esses projetos eram oferecidos por duas igrejas da cidade, e como falado anteriormente, atuavam em lugares diferentes, sendo que ambas não tinham fins lucrativos, custeavam todos os gastos e ofereciam as aulas para crianças da região.

Esses projetos, segundo relato dos próprios participantes e moradores da região, trazem benefícios para a comunidade local e ajudam no desenvolvimento e uma melhor ocupação do tempo dos alunos envolvidos nas aulas.

INTRODUÇÃO

Meu maior interesse em pesquisar sobre o ensino a distância se deu a partir do momento em que alguns alunos e outras pessoas, interessadas em participarem das minhas aulas, me procuraram perguntando se eu teria algum curso de bateria online. Eu não tinha esse curso e não utilizava a tecnologia dessa forma a favorecer minhas aulas, e como a busca foi por um número considerável de pessoas, resolvi estudar como eu poderia então ministrar essas aulas, utilizando a internet como meio de ligação com alunos em Brasília e também fora dela. No primeiro semestre de 2018, cursei a matéria de Educação a Distância na Universidade de Brasília ministrada pelo professor Dr Tel Amiel no departamento de Educação, e procurei o auxílio do professor Dr. Paulo Marins no departamento de música, ele que é coordenador de um curso de pós-graduação na modalidade à distância e foi coordenador do curso de licenciatura EaD no departamento. Após o surgimento desse interesse, resolvi então a escrever meu trabalho de conclusão de curso, exatamente sobre o ensino a distância, mas especificamente sobre um curso de bateria online.

A pesquisa

A verdadeira motivação em pesquisar o tema se deu após uma atual procura de alunos para que eu ministrasse aulas de bateria a distancia, usando aplicativos de celular e programas de computador através da internet. Após essas procuras começarem, me inscrevi esse semestre (1º/2018) para cursar a matéria de “Educação a Distância”, na Faculdade de Educação da UnB. Lá me deparei no primeiro dia com a ementa do curso e com a fala do professor Dr Tel Amiel, que em sua explanação nos estimulou a cursar ou a conhecer um curso a distância a nossa escolha, para que ao final do semestre pudéssemos avaliar esse curso. Aí então me surgiu à ideia de fazer uma aula de bateria a distância para que eu pudesse avaliar e observar como funciona um curso não formal. Portanto, não só observei o funcionamento do curso, mas também apliquei as perguntas do questionário pesquisa, com o intuito de entender um pouco mais sobre as qualidades específicas e necessárias de um curso a distância e como isso poderia auxiliar em minha formação.

O questionário é composto dos seguintes tópicos:

- A. Introdução e informações gerais do curso.
- B. Tecnologia e ferramentas.
- C. *Design e layout*.
- D. Conteúdo e atividades.
- E. Interação.
- F. Avaliação e comentários.

Definição de Tema e Locus da Pesquisa

O primeiro momento do trabalho foi iniciado exatamente quando dentro da aula de EaD na UnB, tive acesso ao questionário da Online Learning Consortium, oferecido pelo professor da matéria. O segundo passo foi à procura de artigos e o levantamento dos dados da pesquisa, com a busca do tema sobre o ensino não formal em Gohn (2010), o ensino informal em Falk (2002), sobre o crescimento desse meio de ensino nas últimas décadas em todo o mundo por Gadotti (2005), as novas tecnologias e a educação musical de Gohn (2010), alternativas tecnológicas de Gohn (2002), tecnologia e ensino-aprendizagem musical na escola, de Pinto (2007). Tal busca foi realizada com o intuito de se entender a importância da tecnologia na educação moderna e como ela tem afetado ou somado ao ensino-aprendizagem na educação atual, tentando assim compreender como o educador pode utilizar nossas tecnologias para agregar a sua prática educacional e alcançar novos públicos, levando determinado conhecimento a grupos por meio do ensino a distância.

Weber e Oliveira (2013) também atentam para o fato de que o avanço das tecnologias da informação e comunicação (TIC) possibilitou outro modo de desenvolver a EAD, o qual necessita de materiais distintos, para além do impresso. White (2006) alerta que qualquer tipo de material produzido deve levar em conta o seu manuseio, aspecto distinto em cada tipo de produção. Segundo White (2006), é necessário dar-se uma importância ao design para que ele venha facilitar o aprendizado do aluno e não o atrapalhar, de modo que seja de fácil acesso e visualização no momento em que esteja sendo utilizado.

Os artigos foram buscados dentro do contexto do questionário, ou melhor se dizendo, buscando materiais acadêmicos sobre os tópicos abordados dentro do questionário, para buscar assim saber, o que as literaturas dizem sobre cada tópico colocado pela Online Learning Consortium.

1.Revisão da Literatura

O que é ensino formal e não formal ?

Segundo as formas de ensino, existem algumas variações nos conceitos de educação, o que podemos chamar de formal e não formal. Trarei nesse trabalho essa definição pois, estarei observando um curso não formal. Esses conceitos são vivenciados segundo a perspectiva de Gohn (2010; 2014; 2015), onde esta afirma que uma educação formal é desenvolvida em ambientes escolares normatizados com regras, legislações e padrões previamente estabelecidos. Já a educação não formal, para a autora, é caracterizada pelo fato de não ter um currículo definido, quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas. *Na educação formal os espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais* (Gohn, 2006).

O curso que observei e cursei, é considerado um curso não formal, pois como diz Gohn (2006), a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (Gohn, 2006 p.28).

Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Essa área tem crescido de importância nas últimas décadas em todo o mundo (GADOTTI, 2005), à medida que vai se tornando evidente que uma parte substancial da aprendizagem dos indivíduos tem lugar fora do sistema escolar tradicional (FALK, 2002).

Observando o curso e buscando por outras literaturas, podemos encontrar que segundo Gohn (2014) e Green (2002; 2008), não seria positivo, utilizar de forma independente as duas modalidades de ensino, mas sim, utilizá-las de forma conjunta, aonde uma venha dialogar com a outra e gerando novas ou maiores possibilidades ao professor. Isso é o que podemos chamar de ensino “híbrido”, que seria exatamente essa junção entre o ensino formal e o não formal, dialogando um como o outro e gerando possibilidades ainda maiores de ensino e aprendizagem para o professor e os alunos. Segundo o texto de Valente (2002) publicado na revista “Educar em Revista” da UFPR, a educação à distância até os anos 80, eram baseadas no material impresso e enviado para o aluno, o que tem mudado com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

A tecnologia e o ensino

Sobre o uso de tecnologias digitais podemos encontrar vários tipos de estudos, e observar que eles se dividem em vários assuntos e que alguns autores abordam como ela pode ser usada na educação à distância (KRÜGER, 2006; GOHN, 2010a, 2010b); outros mencionam a importância da *internet* e as comunidades virtuais (GOHN, 2008; WEBER, 2012; BELTRAME, 2014; SANTOS, 2014); ou aspectos da tecnologia que podem ser utilizados em sala de aula por professores e alunos (PEREIRA, 2014; JESUS; URIARTE; RAABE, 2008; GALIZIA, 2009;).

GALIZIA, 2009; GOHN, 2008, 2010b; KRÜGER, 2006; WEBER, 2012, vão falar sobre a importância do domínio das ferramentas tecnológicas pelos profissionais da Educação Musical e defendem que o estudo desse tipo de tecnologia esteja presente na universidade, nos cursos superiores de música.

A melhoria e investimentos que favoreçam uma melhor qualidade tecnológica, tende, segundo Gohn (2010), a que haja também um aumento da demanda ensino/aprendizagem à distância.

O formato mais óbvio para o ensino de música a distância é a transposição de uma aula presencial para meios de comunicação eletrônicos. Usando *softwares* na Internet como o Skype, é possível ligar câmeras e transmitir som e imagem entre dois pontos quaisquer, reproduzindo a mesma sistemática que ocorreria se professor e aluno estivessem fisicamente juntos. Tal formato é usado em vários casos e deve crescer, à medida que a qualidade das transmissões aumenta e que nuances sonoras e detalhes de movimentos são percebidos de forma mais acurada. Um exemplo são as aulas de percussão na escola *Drummers Collective*, transmitidas a partir de Nova York. Após pagamento com cartão de crédito e a definição de um horário, percussionistas de qualquer lugar do mundo poderão ter lições particulares com os docentes dessa instituição. (GOHN, 2010, p. 10)

Segundo estudos de Cota (2015), ele coloca que Galizia (2009) defende uma reformulação nas Licenciaturas em Música, pois a tecnologia está mudando a maneira das pessoas interagirem com o objeto musical. Esse fenômeno não se enquadra no sistema de conservatório ainda adotado em muitas instituições, que, segundo o autor, promovem a não valorização do repertório musical ouvido pela maioria dos alunos. Galizia (2009) ressalta o fato de que as músicas ouvidas pelos alunos são “[...] em sua maioria, produzidas e distribuídas digitalmente (por meio de *softwares*, instrumentos virtuais ou sintetizadores e a *internet*), exigindo conhecimentos sobre novas tecnologias dos educadores musicais” (GALIZIA, 2009, p. 77).

Hoje como professor de bateria e ministrando aulas presenciais, tenho visto uma diminuição do número de alunos nesse tipo de modalidade de ensino. Isso atribuído à melhoria do ensino a distancia, que tem proporcionado ao aluno, estudar com grandes nomes do mercado musical, assim como músicos de suas bandas favoritas, não só no Brasil, mas como em todo o mundo. Tudo isso graças aos avanços da tecnologia.

Krüger (2006), também defende que o estudo da tecnologia aplicada a Educação Musical esteja presente nas universidades:

[...] a formação enquanto vivência das novas TIC [Tecnologia da informação e comunicação] tem sido vista como relevante na formação dos novos educadores musicais nos cursos de licenciatura em música e também para a formação em serviço. Caso contrário, a formação de nossos alunos será incompleta. (KRÜGER, 2006, p. 84).

Alguns autores afirmam que as tecnologias podem ser utilizadas desde que haja uma filtragem (KRÜGER, 2003, 2006; GOHN, 2010b). Outros afirmam que as tecnologias produzem efeitos negativos. No caso da televisão, há o argumento de que ela não produz um pensamento consciente e somente estimula o sentimento. O mesmo se aplica aos jogos eletrônicos. Os computadores, segundo alguns críticos, formam um ser indisciplinado (GOHN, 2007), pois o erro pode ser facilmente corrigido implicando poucas diferenças no mundo real.

Segundo Gohn (2007), há ainda a problemática no caso da educação, do fato de muitos professores não dominarem as tecnologias, o que os deixa receosos de utilizá-las em contexto educacional.

Baseando-se nos autores citados, vemos a importância da busca em inserir a tecnologia no contexto educacional, buscando uma melhoria na aprendizagem dos alunos e também com a tentativa de facilitação do conteúdo proposto, cabendo ao professor à busca no entendimento prévio da tecnologia em que ele irá utilizar e também em uma busca por novas tecnologias que possam ser usadas por ele em suas aulas. Segundo os autores, cabe também ao professor, avaliar a relevância de tal instrumento no contexto de suas atividades educacionais, mas eles encorajam o mesmo que as utilize.

Educação a Distância

O trabalho de pesquisa é baseado na modalidade EaD, e a ideia de educação à distância têm como conceito que professores e alunos estejam separados fisicamente, mas

através das tecnologias digitais eles se tornem próximos e ocorra assim a interação entre eles. Essa ideia básica da EaD é apontada por Moore e Kearsley:

A ideia básica de educação a distância é muito simples: alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estudando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informação e lhes proporcionar um meio para interagir (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 1).

Com o tema inicial “ensino de música à distância: Observação de um curso de bateria online, utilizando o guia da Online Learning Consortium” escolhido, o levantamento bibliográfico teve início em 08 de maio de 2018 com a busca de artigos científico-acadêmicos nas bases de dados Google Acadêmico e Amplificar e no site da ABEM utilizando descritores como educação a distância, música à distância, ensino formal e não formal. Inicialmente fizemos a leitura dos títulos e depois dos resumos dos textos que aparentavam conversar com o tema da presente pesquisa. Em seguida pudemos então escolher onze textos que são:

- O formal, o não formal e o informal: (Inter) relações entre procedimentos de ensino por meio de um trabalho de composição de canções em sala de aula. (Coutinho e Masquio, 2016);
- Educação a distancia x educação presencial: como os alunos percebem as diferentes características. Vânia Costa, Andressa Shaurich, Aline Stefanan, Elijeane Sales e Angélica Richter (2014);
- Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Maria Gohn (2006);
- O ensino não formal na educação musical e a sua contribuição na manutenção do quadro discente universitário no Rio de Janeiro. Daniele Voiola (2016);
- Educação à distância: possibilidades e desafios para a aprendizagem cooperativa em ambientes virtuais de aprendizagem. Suely Scherer e Glauca Brito (2014);
- O ensino não formal em música: reflexões sobre concepções pedagógico-musicais e a formação da identidade profissional de um músico trompista de orquestra sinfônica. Marcos Pellizzon (2010);
- O uso das tecnologias instrumentais na educação musical: revisão bibliográfica Denis Cota (2015);

- Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem informal. Flávia Narita (2015).
- Transversalidade, design, linguagens. Reflexão acerca do design de ambientes virtuais de aprendizagem. Alexandre Farbiarz e Jackeline Farbiarz (2010);
- Avaliação no Ensino a Distância. João Francisco Severo Santos (2006);
- A importância do feedback como ferramenta pedagógica na educação a distancia. Carmem Silvia Lima Fluminhan, Alba Regina Azevedo Arana, Antônio Fluminhan (2013).

Objetivo Geral

Avaliar um curso de bateria a distância, seguindo o questionário da Online Learning Consortium.

Objetivos Específicos

- Identificar por meio de um questionário pré-estabelecido, dados qualitativos relativos a um determinado curso a distancia.
- Observar se os pontos apresentados no questionário são contemplados no curso escolhido;
- Buscar junto a literaturas, a relevância desses dados para construção de um curso de bateria a distância;

2. Metodologia

O presente trabalho de conclusão de curso pretendeu observar o funcionamento de aulas de bateria a distância, oferecido pelo professor e baterista Alexandre Fininho, baseando-se pelo guia elaborado pela Online Learning Consortium.

Alexandre Fininho é baterista desde os 7 (sete) anos de idade e toca profissionalmente desde os 17 (dezessete) anos. Hoje ele tem se tornado uma referência dentro da música gospel e também no estilo hoje conhecido como “gospel shops”, e seu currículo conta com a participação em corais de maior expressão no meio gospel, assim como atualmente é músico de uma das maiores igrejas do Brasil, na qual estão com 21 CD’s gravados, além de acompanhar um dos cantores também de maior visibilidade no mercado gospel, o que tem trazido bastante reconhecimento de seu trabalho como baterista e aumentado a busca por interessados em fazer suas aulas sejam presenciais ou a distância. Hoje ele é Endorser, ou seja, é patrocinado por marca de bateria, pratos, capas de pratos, entre outras, além de uma marca de pedal de bumbo e outra de baquetas, essas ele além do patrocínio, tem uma série assinada por ele.

Em 2017 ajudei a produzir um workshop com ele aqui em Brasília, e foi aí que tive a oportunidade de lhe conhecer pessoalmente. Surgiu uma oportunidade para que eu tocasse dentro do estilo que hoje ele é uma das referências e como precisei fazer a observação das aulas para a matéria de EaD na UnB, surgiu assim o interesse de então fazer esse trabalho observando as aulas do professor e baterista Fininho Batera, nome pelo qual como também é conhecido. Assim, esse foi o meu primeiro contato com ele, mas em relação ao trabalho dele e as aulas, ele disponibiliza o seu telefone nas redes sociais e os interessados o procuram diretamente no seu número particular de celular e por ligação combinam tudo sobre as aulas.



Figura 1

Fonte: (Fininho, 2018)

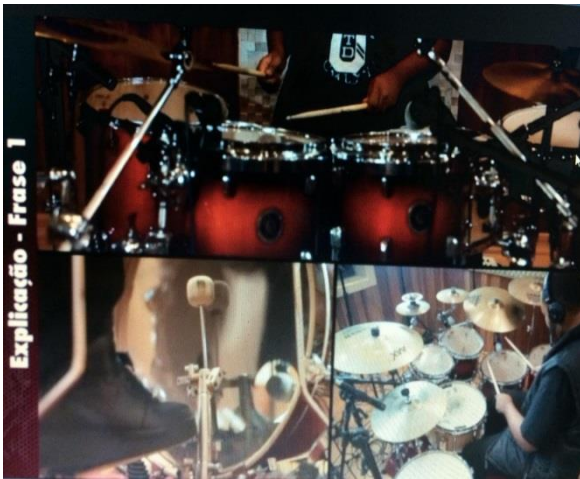


Figura 2

Fonte: (Fininho, 2018)



Figura 3

Fonte: (Fininho, 2018)

Sobre o questionário, segundo o site oficial da OLC, o Consórcio de Aprendizagem On-line, anteriormente chamado de Sloan Consortium (Sloan-C), é uma organização de liderança institucional e profissional dedicada a integrar a educação on-line à corrente principal do ensino superior. O objetivo do Consórcio de Aprendizagem On-line é "ajudar instituições e educadores individuais a melhorar a qualidade, a escala e a amplitude da educação on-line". O Consórcio foi financiado originalmente pela Fundação Alfred P. Sloan e agora é uma organização sem fins lucrativos e sustentada pelos membros.

O Online Learning Consortium (OLC) ajuda as organizações de aprendizagem a melhorar continuamente a qualidade, escala e amplitude de seus programas online de acordo com suas próprias missões, para que a educação se torne parte da vida cotidiana, possível e acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar e tempo, em uma ampla variedade de disciplinas. O OLC apóia o compartilhamento colaborativo de conhecimento e práticas eficazes para melhorar a educação on-line na efetividade da aprendizagem, acesso, acessibilidade para alunos e provedores e satisfação dos alunos e professores.

O OLC mantém um catálogo de programas de graduação e certificação oferecidos por uma ampla gama de instituições membros, consórcios e parceiros da indústria credenciados regionalmente; fornece palestrantes e consultores para ajudar as instituições a aprender sobre metodologias online; organiza conferências e workshops para ajudar a implementar, e melhorar programas online; publica o OLC View, o periódico Online Learning (antigo Journal of Asynchronous Learning Networks, JALN), e volumes anuais de pesquisas aplicadas; e realiza pesquisas anuais sobre aprendizagem on-line e fóruns para informar o público acadêmico, do governo e do setor privado. O OLC também oferece um programa de prêmios e um banco de dados de práticas efetivas para que os membros possam compartilhar as lições aprendidas.

O OLC gera ideias para melhorar produtos, serviços e padrões para o setor de aprendizado on-line e auxilia membros em iniciativas colaborativas. Os membros incluem (1) universidades e faculdades públicas e privadas, faculdades comunitárias e outros provedores de cursos e diplomas credenciados, e (2) organizações e fornecedores de serviços, equipamentos e ferramentas que praticam os princípios de qualidade da OLC.

O questionário foi traduzido e adaptado pelo professor Dr Tel Amiel, do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, coordenador de Grupo de pesquisa CNPq e coordenador (2014-2018) da Cátedra UNESCO em Educação Aberta, co-líder da Iniciativa Educação Aberta, com trabalhos

acadêmicos disponíveis no Zotero e no Lattes e atualmente leciona na UnB as matérias: Educação a Distância e Educação, Comunicação e Tecnologias.

Sobre o questionário

Como já citado anteriormente, o questionário é constituído de seis itens e neste trabalho dialogaremos aspectos apontados pela OLC e responderemos as perguntas, baseado no curso online de bateria que fiz com o professor Alexandre Fininho de São Paulo. O questionário sugere ao avaliador que atribua uma nota de 0 (zero) a 3 (três) para cada item proposto, onde a nota 3 sugere que o curso atende ao critério avaliado, 2 são necessárias poucas melhorias, 1 o item avaliado é deficitário, 0 o item avaliado é inexistente no curso. O questionário sugere ainda, que seja colocado em um quadro ao lado, as sugestões e apontamentos para que sejam encaminhados para o responsável pelo curso.

3. Resultados da avaliação

É interessante observar que as perguntas do questionário são para que em um contexto acadêmico, os órgãos ou organizações responsáveis, possam credenciar ou não o curso avaliado a ingressar na modalidade de ensino a distância. Sendo assim, ao avaliar o curso de bateria online do professor Alexandre Fininho, podemos conforme os dados obtidos e colocados nos quadros abaixo, onde o quadro “A” trata sobre a introdução e informações gerais do curso, o “B” sobre a tecnologia e ferramentas utilizadas, o “C” sobre o *design* e *layout*, o “D” o conteúdo e as atividades, o “E” a interação entre aluno, professor e demais alunos, por ultimo o quadro “F” que fala sobre a avaliação e comentários, observamos que algumas perguntas não se adequam ou não aparecem de forma relevante em um curso não formal, mas a minha busca foi exatamente para que com essa pesquisa, eu pudesse observar dados que possam nortear e melhorar o curso em que eu viesse a criar para ministrar minhas aulas online, trazendo algumas características do curso formal que pudessem agregar valores em um curso não formal.

Atribuí notas a todos os itens do quadro, mas não coloquei um comentário ou sugestão em todos. Para que um curso formal seja credenciado, essas perguntas são respondidas por uma equipe dentro dos órgãos ou organizações competes para tal ação, e aqui eu estou avaliando segundo minhas observações do curso e para conclusão do meu trabalho, além de como dito, com o intuito de buscar informações que auxiliem minhas aulas em um possível curso a distância.

A parte “A” do questionário trata sobre a apresentação do curso ao aluno, como ele chega até o interessado nas aulas, se as informações dadas a ele estão colocadas de forma clara, se é deixado em evidencia, o que se espera desse aluno ao concluir o curso, além de como serão as avaliações e se terão essas avaliações. As perguntas são colocadas de forma a entender sobre a ementa do curso. Nesse caso, não havia uma ementa, e as informações são todas dadas por meio de um aplicativo de conversas.

Moraes (2002, p.203) afirma que “em qualquer situação de aprendizagem, a interação entre os participantes é de extrema importância”. Sendo assim, tornasse importante que a comunicação entre o professor e o aluno seja primordial para um bom aprendizado, como o curso é online, faz-se necessário que as informações referente ao curso e seu desenvolvimento, estejam de fácil acesso ao participante.

Parte A – Introdução e informações gerais do curso				
	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	Página de introdução e orientação geral sobre o curso	Explica o funcionamento e organização do curso Indica opções claras sobre como começar/iniciar Introduce o professor/ mediador/tutor	3	
2	Ementa detalhada	Clareza quanto o que é esperado do aluno Detalha avaliações e critérios Clareza quanto a datas para leituras, atividades, e outras interações.	0	Não há especificado o que se deseja do aluno, apenas que ele execute os exercícios no tempo/duração que ele decidir.
3	Formato da ementa	É possível imprimir a ementa com facilidade	0	Não há ementa. As matérias são mandadas por mensagem no whatsapp e o professor envia as aulas do pacote escolhido.
4	Políticas	Tem links ou informações claras		Ele não limita a

	claras	sobre políticas institucionais (plágio, direitos autorais, o que é permitido, o que não é) – <i>particularmente pertinentes para cursos EaD institucionais.</i>	0	divulgação das aulas após disponibilizar o material para download, e deixa a critério de cada aluno, pois diz não ter como ter esse controle.
5	Sistemas de apoio	Detalha mecanismos para obter apoio e suporte (técnico, conteúdo, tutoria, etc.). Informações de contato do professor/tutor/outro estão claramente disponíveis	3	O professor se coloca a disposição para qualquer dúvida.
6	Explicita modelo	Detalham claramente quais são os modelos e métodos de interação (totalmente à distância? Híbrido?).	3	Totalmente à distância.
7	Mecanismos técnicos	Explicita modelos disponíveis para interação e restrições ou necessidades técnicas para participar no curso (acesso com celular, tipos de navegadores, acesso com senha, necessidade de webcam/microfone, etc.).	3	Todo o curso é por forma de download
8	Objetivos claros	Detalha os objetivos do curso Relação entre os objetivos e as atividades avaliativas é clara (as atividades ajudam a atingir os objetivos do curso)	3	Sim, pois o objetivo é tocar ou aperfeiçoar o estilo musical solicitado pelo tema.

O item “B” do questionário abordará a questão da tecnologia e as ferramentas utilizadas no curso, para saber se o aluno terá de ter algum conhecimento específico para utilizar esse material, ou se ele é de fácil compreensão, assim como saber se o curso tem alguma política de privacidade com os dados e informações oferecidas pelo aluno.

Parte B – Tecnologia e ferramentas				
	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	Habilidades demandadas para o uso das tecnologias empregadas no curso (site, software e hardware) são explicadas claramente e apontam para recursos de apoio.	Deixa claro, por exemplo, se você precisa de um navegador específico, um nível de conexão a internet, ou se alguma funcionalidade precisa de um plug-in (como Flash), etc para que o aluno possa se preparar e saber se conseguirá participar efetivamente.	3	Sim, fica muito claro que o aluno deverá baixar as aulas.
2	As habilidades técnicas demandadas para participação nas atividades de aprendizagens do curso são acompanhadas de oportunidades de orientação, para prática ou	Quando alguma atividade técnica demanda experiência, é importante que o curso permita que o aluno experimente, que seja oferecida alguma orientação prévia, ou que exista um tutorial, dentre outras possibilidades.	2	O professor fica a disposição para receber duvidas ou criticas, mas tudo pelo e-mail ou pelo celular. É necessário que o aluno tenha um conhecimento prévio do instrumento, mas o professor não pergunta para o aluno, e deixa a escolha dele comprar o pacote de aulas ou não,

	experimentação, quando apropriado.			sem saber se ele irá ou não dar conta de executar os exercícios.
3	As habilidades técnicas demandadas para participação nas atividades de aprendizagens do curso são acompanhadas de oportunidades de orientação, para prática ou experimentação, quando apropriado.	Se uma videoconferência acontece toda semana, esse link deve ser bem fácil de achar. Se por exemplo, fóruns não são utilizados, o link deve ser removido do menu.	0	Não é por meio de links ao vivo e sim para download.
4	O curso inclui link para os termos de privacidade/ termo de uso do curso e suas tecnologias.	O curso, como qualquer site, tem que deixar claro como os dados dos seus alunos são utilizados (pela instituição, organização, ou professores). Normalmente há um link com uma página, muitas vezes no rodapé.	0	Não especifica a forma de uso.
5	As tecnologias seguem padrões de acessibilidade.	Existem padrões nacional e internacional para acessibilidade na web. Você não terá necessariamente	0	

		condições de avaliar isso, mas precisa verificar se o curso menciona que faz uso de padrões de acessibilidade.		
--	--	--	--	--

Em relação ao design, enquanto “processo de análise de requisitos, planejamento e especificação para a elaboração de cursos a distância baseados na Web”, para (PETERS, 2001), nesse aspecto ele desempenha papel central no processo de elaboração do material didático de um curso a distância.

O curso avaliado segue o modelo que alguns autores chamam de “Broadcast” ou em português, “Transmissão”. (FREIRE, 1975) compreende que neste formato de ensino, parte de uma concepção bancária de educação, onde o conteúdo é disponibilizado ao aluno por meio de um aplicativo de conversas no celular ou por e-mail.

As aulas são gravadas em estúdio e passam por uma edição onde são inseridos na tela, dados como tema da aula, número da aula, pois esse material é enviado por inteiro, ou se o aluno preferir, ele envia separadamente uma aula por semana até terminar aquele tema ou os vários temas que o aluno comprou em um pacote de aulas. É colocado também às partituras de cada exercício feito pelo professor, e o aluno pode acompanhar vendo a execução e a escrita.

Parte C – Design e layout				
	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	O curso tem um layout (disposição) lógico, consistente e pouco bagunçado. O curso é fácil de navegar.	Cores consistentes, posição dos ícones, conteúdo de tipos similares estão juntos, títulos são claros e descritivos	3	Visualmente o curso é bem gravado e editado, o que facilita muito o aprendizado. Como sugestão, acho que poderia ser colocado uma câmera de frente, além das demais já existentes.
2	Pedaços grandes de informação são divididos em seções com	Há amplo espaço branco entre cada seção. A visualização do curso é boa em dispositivos móveis (como celulares).	3	Ele divide o curso em aulas e essas aulas em exercícios, sendo que esses podem ser enviados juntos, ou divididos e enviados um

	tamanhos razoáveis.			por semana. Tudo isso fica a critério do aluno.
3	Há contraste o suficiente entre texto e fundo para que o conteúdo possa ser lido com facilidade.	Facilita leitura e acessibilidade. Texto azul claro em azul escuro, por exemplo é, geralmente, uma péssima ideia. Procure contrastes fortes.	2	Algumas partituras estão difíceis de ler por causa do layout do programa; Verifiquei ainda partituras que não condizem com o que ele esta fazendo no instrumento.
4	Existem instruções claras e bem escritas ao longo das páginas e do andamento do curso.	Instruções existem ao longo do curso, deixando claros os procedimentos e passos, quando necessário. Ou seja, você não se vê sem uma orientação em partes importantes do curso.	3	Os exercícios são dentro de uma mesma matéria, mas independente.
5	O curso não tem erros de português.	Palavras erradas, erros gramaticais, traduções mal escritas, etc.	2	Apenas erro em uma partitura.
6	O curso tem títulos, cabeçalhos e outros estilos que facilitam a leitura e organizam a estrutura dos conteúdos.	Como um bom documento, o uso de estilos facilita a identificação de níveis de conteúdo e informação. Como muitos cursos dependem de texto, as regras de formatação também se aplicam aqui.	3	
7	O curso não	Movimentos bruscos e textos	3	

	faz uso de imagens e textos piscantes.	que piscam não são métodos efetivos de obter a atenção do aluno.		
8	A fonte utilizada é apropriada para a web – é de fácil leitura.	Há longo debate sobre o uso de fontes <i>serif</i> versus <i>sans-serif</i> ? No entanto, com o crescimento de fontes feitas para a web a distinção diminuiu. O importante é que o tamanho seja apropriado e a leitura, fácil.	3	
9	Quando possível à informação é disponibilizada em formato linear, evitando o uso de tabelas.	Tabelas dificultam o trabalho de leitores de tela (para pessoas cegas, por exemplo). A não ser que seja necessário, e nesse caso seguindo padrões de acessibilidade, é melhor evitar. Portanto, veja se há uso desnecessário de tabelas.	0	Não existem tabelas no curso, são apenas vídeos.
10	As colunas nas tabelas tem nome (cabeçalho) e um nome/resumo descritivo.		0	
11	Apresentações (slides) tem um layout comum e tem	O uso de layouts comuns facilita a orientação dos alunos ao ver vários slides no curso. O uso de permite que o aluno	3	

	descritivos/ títulos.	saiba o objetivo dos slides e sua utilidade/escopo no curso (ou seja, porque vou ver esses slides?)		
12	Os slides têm transições simples, sem mudanças automáticas.	Transição automática tira o controle do usuário e o uso de truques de transição usualmente não funcionam em todos os sistemas e atrapalham mais do que ajudam o entendimento.	3	

Em relação aos conteúdos do curso eles são divididos em tópicos e são oferecidos ao aluno segundo a sua escolha de plano, ou seja, ele escolhe a quantidade de meses que irá estudar e assim lhe é oferecido um mais temas de aula a sua escolha.

Abaixo vemos a foto que é enviada ao interessado no curso de bateria online do professor Alexandre Fininho para escolha dos tópicos:



Figura 4

Fonte: (Fininho, 2018)

São doze temas e cada um é dividido em média de seis aulas. Essas aulas são exercícios, que podem ser enviados inteiro por tema, ou divididos em aulas e enviados um por semana.

Sobre os conteúdos ou exercícios oferecidos no curso, (VASCONCELLOS; BERGAMASCHI, 2001) diz que temos de considerar que tarefas pouco claras e a ausência de *feedback* podem ser fatores que trazem limitações a EAD. *Feedbacks* são respostas que os alunos dão em relação às aulas executadas. Em relação a essas respostas, o professor Alexandre Fininho sempre solicita que seus alunos gravem vídeos executando os exercícios estudados ou falando sobre as aulas e ele mesmo posta em suas redes sociais.

Parte D – Conteúdo e atividades				
	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	Conteúdos do curso oferecem uma serie de recursos que engajam e facilitam a comunicação e a colaboração, apresentam conteúdo e apoiam a aprendizagem.	Importante que existe uma variedade de tipos de conteúdo e oportunidades de engajamento (interações, trocas, avaliações, etc.)	2	O curso não proporciona trocas.
2	Curso providencia atividades para que os alunos desenvolvam níveis de pensamento sofisticado e resolução de	Em cursos onde o aluno tem pouca ou nenhuma interação com pares, pode ser mais difícil engajar em discussões e pensamento critico (ou ao menos, medir se isso acontece). No entanto, verifique se o curso encoraja e das oportunidades para reflexões e o pensamento critico sobre os	0	As aulas são individuais e não em grupo, e os alunos não tem contato entre si.

	problemas, como através do uso de uma reflexão crítica e análise.	conteúdos abordados.		
3	Curso oferece atividade que estimulam aplicações na vida real no âmbito da disciplina como aprendizagem prática, estudos de caso e aprendizagem baseada em problemas.	Verifique se o curso encoraja ou trabalha a contextualização (a realidade do aluno) do curso.	3	Sim. As aulas tem uma parte com a aplicação dos exercícios.
4	Quando disponível, Recursos Educacionais Abertos (REA), recursos grátis ou de baixo custo são	REA permitem a troca, alteração e o remix – fazendo com que o material possa ser efetivamente apropriado pelo aluno. Além disso, cobrar por cursos/recursos diminui o público do curso.	0	O curso é pago.

	utilizados.			
5	Recursos do curso incluem informações sobre direitos autorais ou licenças, claramente explicando permissões de uso.	Procuro por informações em um link específico, ou no rodapé da página (“Termos de uso” ou “Licença de uso”, ou ainda procure pelo símbolo da licença). O curso faz um esforço para deixar os termos claros?	0	Não fica explicado no curso se os exercícios são criados por ele ou são de outra pessoa.
6	Conteúdo textual está em um formato de fácil acesso, preferencialmente em texto (HTML).	O uso de um formato padrão como a linguagem da web (HTML) facilita muito a visualização em diferentes dispositivos (por exemplo, celulares) bem como a leitura por tecnologias assistidas.	0	Não existe texto. Apenas as partituras colocadas durante a execução dos exercícios.
7	O equivalente ao texto está disponível para cada elemento que não é texto. Por exemplo: vídeos têm legendas, áudios são transcritos, imagens têm descrições,	Para que seja acessível, esses elementos precisam ser lidos por tecnologias assistidas que dependem do texto (senão, teriam que interpretar imagens, por exemplo). Legendas, por exemplo, são importantes para alunos surdos.	2	As partituras servem como legenda, mas, os vídeos são com áudio e não possibilitam surdos entenderem o que está sendo dito.

	etc.			
8	Texto deve ser o modo principal de entrega de conteúdo.	Texto e bem mais econômico (para download) e acessível que vídeo e imagem – principalmente para aqueles sem boa conexão.	0	Somente vídeo. O texto está incorporado na edição dos vídeos.
9	Links devem ser descritivos de modo que façam sentido fora de contexto.	Evite links que dizem algo como "clique aqui". Para acessibilidade isso pode ser um problema.	2	Existem os nomes das aulas, mas nem todos os links são claros.

|

O tópic “E” é relacionado à interação e segundo Vygotsky (1988), ele afirma que, sendo cada pessoa um ser social, relacional e participante de um processo histórico, a construção do conhecimento se dá por meio da interação. O processo é de ensino/aprendizagem por incluir quem ensina, quem aprende e a relação entre eles. Essa relação é feita a partir do momento em que o futuro aluno entra em contato com o professor para adquirir o curso online, após esse primeiro contato e fechamento do plano escolhido, a interação é feita por parte do professor ao enviar as aulas que já estão gravadas em estúdio e o que ocorre é que o relacionamento entre professor e aluno nesse ponto, e feito somente em caso de alguma dúvida por parte do aluno que manda então uma mensagem de celular para o professor e aguarda as novas informações. Não há interação com outros alunos, mas o professor se coloca a disposição para o que o aluno precisar.

Parte E – Interação				
	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	As expectativas são apropriadas em termos de tempo e os mecanismos de retorno (<i>feedback</i>) dos professores e claro (perguntas, e-mail, atividades).	Expectativas claras ajudam a definir o que é esperado dos alunos, e o que os alunos podem esperar do professor. Procure por descritivos claros sobre datas de entrega e procedimentos do curso.	0	Não há uma clareza no que se espera dos alunos.
2	Expectativas para a interação por parte dos alunos são	O curso deixa claro o que se espera dos alunos em termos de participação (por exemplo X postagens em fórum por semana, ou por atividade;	0	Não há uma clareza no que se espera dos alunos.

	<p>explicados com clareza (comportamento esperado/regras, notas, modelos (e exemplos, frequência e momentos de contribuição esperados).</p>	<p>participação em bate-papos). Em cursos sem mediação, procure ver se isso também está claro. Se não há, por exemplo, qualquer mecanismo de troca com outras pessoas – alunos ou professores, isso precisa estar claro.</p>		
3	<p>Alunos têm a oportunidade para conhecer o professor.</p>	<p>Procure por oportunidades dedicadas de apresentação entre alunos e professores (chat, fóruns), vídeo gravado do professor se apresentando, ou mesmo um texto descritivo sobre o professor se apresentando e apresentando o curso.</p>	3	<p>As aulas são por vídeo, mas gravados pelo próprio professor, e toda negociação de aulas e valores também é feita direto com ele.</p>
4	<p>O curso tem recursos ou atividades que promovem as sensações de comunidade entre os participantes apoiam a comunicação aberta entre</p>	<p>Mesmo em cursos não mediados, há a oportunidade de que muitas pessoas participem ao mesmo tempo. Verifique mecanismos que auxiliem a troca e interação entre alunos e oportunidades para que se conheçam e formem grupos de afinidade/interesse. Em cursos mediados, isso deve ser fortalecido através de atividades e ferramentas de</p>	0	<p>Totalmente individualizado.</p>

	<p>todos, fomentam a confiança (verifique a presença de estratégias como: atividades focadas em apresentação de todos, fóruns de apresentação, seção com perfis dos participantes, ou fórum de (perguntas e respostas).</p>	<p>interação.</p>		
5	<p>O curso oferece oportunidade para interação entre alunos e a atividades colaborativas.</p>	<p>Para além da interação aluno→professor, verifique mecanismos de promoção de interação entre os alunos.</p>	0	<p>Somente com o professor.</p>
6	<p>Alunos são encorajados a compartilhar recursos e inserir conhecimentos</p>	<p>O curso não deve ser somente “oferecido” ao aluno, mas deve permitir que o aluno contribua com conhecimento e experiência próprias (lembre-se da discussão sobre REA e</p>	0	

	o de diversas fontes de informação em suas interações no curso.	educação aberta).		
--	---	-------------------	--	--

A parte “F” do questionário tratará sobre a avaliação, e também do “feedback, previamente citado no tópico “D”.

Sobre a avaliação e baseando-se em leituras sobre o assunto, encontramos que segundo Haydt (2002), avaliar é atribuir um julgamento ou apreciação de alguma coisa ou de alguém com base em uma escala de valores. Logo, a avaliação consiste em coletar e interpretar dados quantitativos e qualitativos de critérios previamente estabelecidos. Em relação ao curso observado, ele não dispõe de avaliações em seu currículo ou durante a execução do mesmo por parte do aluno. As aulas se detém a um conhecimento prévio do professor em um determinado tema e almejado por aqueles que compram o pacote de aulas.

Em relação ao feedback encontramos nos textos lidos, que ele tem como objetivo auxiliar o aluno a identificar suas falhas e melhorar seu desempenho, buscar maneiras de corrigir o que não está correto e desenvolver o potencial desejado (MASON e BRUNING, 2003). E assim como relatado por Mason e Bruning, vimos à questão do feedback ligado apenas a relação professor/aluno e não aluno/professor ou seja, não encontramos durante a pesquisa o assunto sendo abordado de forma em que esse retorno por parte do aluno viesse a ajudar o professor a elaborar suas aulas ou até mesmo melhorar as já existentes. Não afirmamos assim que não existam pesquisas sobre o assunto, mas que para esse trabalho, não encontramos tais dados.

Como citado anteriormente, o professor Alexandre Fininho utiliza vídeos gravados pelos seus alunos, onde eles gravam os exercícios aprendidos nas aulas ou falando sobre o material recebido e estudado. Com posse desses vídeos o professor disponibiliza em suas redes sociais o vídeo de seus alunos, que se torna uma forma de propaganda do seu trabalho mas que também gera um expectativa por parte desse aluno, de poder aparecer em uma postagem do Fininho e que será vista por muitas pessoas, pois ele tem muitos seguidores em suas redes sociais.

Parte F – Avaliação e *feedback*

	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	O curso explicita (em ementa ou outro local) como notas serão	Se o curso tem certificação ou notas (para ‘passar’) os critérios devem ser claros, inclusive detalhando, por exemplo, se o aluno tem que pagar pela certificação e o que	0	Não tem nota ou avaliação.

	atribuídos às tarefas bem como serão tratados envios tardios.	e necessário para obter o certificado.		
2	O curso inclui métodos frequentes e apropriados para avaliar a apropriação dos conteúdos (habilidades/competências) por parte dos alunos.	Avaliação não deve ser punitiva. Ela funciona bem quando da oportunidade ao aluno para verificar se compreendeu conteúdo/desenvolveu uma habilidade. Verifique a qualidade das avaliações com base nesse critério.	0	Não existem avaliações.
3	Crítérios para avaliação das atividades que valem nota estão articuladas claramente (rubricas, exemplos de trabalhos completos).	Procure por algum conteúdo que explicita como notas são atribuídas, critérios para emissão de certificados, etc.	0	Não existem notas.
4	Alunos tem oportunidade de verificar	Procure barras de progressão, listas que automaticamente mostrem progresso (ou que o		O progresso é notado pelo aluno à medida que ele da continuidade ao

	<p>sua progressão e avaliar seu aprendizado ao longo do curso (pré-testes, avaliações automáticas, atividades para reflexão individual, etc.)</p>	<p>aluno possa ‘marcar’ como ‘feito’), ou outros mecanismos que ajudem a posicionar o andamento do aluno e lacunas de participação no curso.</p>	1	<p>curso, mas não há uma forma de avaliação.</p>
5	<p>Alunos são informados de respostas/ retornos que tem prazo específico. Comunicação sobre prazos e feita com antecedência e ha oportunidade para tratar de casos específicos onde mais tempo pode ser</p>	<p>Se uma atividade tem prazo e importante que o aluno saiba com antecedência e que o curso use mecanismos (como um e-mail ou mensagem) de comunicação para alertar sobre prazos que vão expirar.</p>	0	<p>Não existem prazos ou cobranças para entrega dos exercícios.</p>

	necessário.			
6	Alunos têm fácil acesso a um caderno de notas que é claro e bem organizado.	Em cursos presenciais alunos podem pedir ao professor informações sobre notas (já que usualmente isso é feito no papel). No digital, não há porque manter o progresso escondido dos alunos. Em cursos sem “nota” verifique se a progressão e aproveitamento das atividades são claros e fáceis de encontrar.	0	
7	Alunos têm diversas oportunidades para opinar (dar <i>feedback</i>) no design do curso, seu conteúdo, a experiência, e a facilidade de uso da tecnologia.	Cursos não são estáticos e podem ser melhorados continuamente. O <i>feedback</i> dos alunos não precisa ser recebido somente no final do curso. Procure, mesmo em cursos sem mediação, por mecanismos de <i>feedback</i> (formulários, e-mail, etc.)	2	Podem opinar por e-mail ou whatsapp.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo a avaliação de algumas aulas de bateria a distância, seguindo o questionário da Online Learning Consortium, e assim poder buscar melhorias em minhas praticas acadêmicas e profissionais, assim como também criar um curso de bateria a distância, onde eu possa disponibilizar ou trazer um reforço aos meus alunos que hoje fazem aulas presenciais e também oferecer esse curso para possíveis alunos à distância.

Nas aulas observadas, encontramos uma boa estrutura de design, onde as informações são colocadas de forma agradável e de fácil compreensão nos vídeos oferecidos, assim como o excelente conteúdo disponibilizado ao aluno.

Em relação aos textos lidos durante a pesquisa, podemos concluir que sobre as vídeo aulas de bateria online observadas e ao que elas se propõe em sua forma de ensino, vemos que obedecem bem aos critérios estipulados no ONLINE CONSORTIUM. Seguindo como base o questionário utilizado, entendemos que isto poderá servir de modelo para auxiliar professores de bateria e que estejam interessados em criar cursos ou vídeo aulas sobre esse assunto, e que assim, podem também utilizar o questionário como uma forma de apoio e orientação. As propostas elencadas no ONLINE CONSORTIUM, contudo, o questionário foi elaborado para que um determinado curso fosse credenciado em um órgão ou instituição que coordene o ensino no país, por isso algumas das questões não foram contempladas pelas aulas do professor Alexandre Fininho, mas o que não nos impede de buscar que mesmo em um curso não formal, possamos abordar tais características contidas no questionário, mas a falta desses critérios não afetaram efetivamente de forma prejudicial às aulas em relação ao conteúdo ou forma de ensino a que elas se propõe a oferecer, mas pode se sugerir uma nova pesquisa para concluir se essas questões abordadas podem afetar diretamente em uma melhora do curso, ou de um possível novo curso, para que assim possamos entender melhor as questões abordadas dentro do questionário, e porque assim, elas foram escolhidas pela equipe gestora da OLC.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Paulo Roberto de Oliveira; MASQUIO, Leonardo Stefano. O formal, o não formal e o informal: (Inter) relações entre procedimentos de ensino por meio de um trabalho de composição de canções em sala de aula. X encontro Regional Sudeste da ABEM, 2016. <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xregsd/regsd2016/paper/viewFile/1660/1047>. Acesso em: 22 de maio de 2018 às 21h36min.

COSTA, Vânia Medianeira Flores; SCHAURICH, Andressa; STEFANAN, Aline; SALES, Elijeane ; RICHTER, Angélica. Educação à distância x Educação presencial: como os alunos percebem as diferentes características. ESUD 2014 – XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância Florianópolis/SC – UNIREDE. <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/126878.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2018 às 16h56min.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf> . Acesso em: 22 de maio de 2018 às 21h52min.

VOIOLA, Daniele. O ensino não-formal na educação musical e a sua contribuição na manutenção do quadro discente universitário no Rio de Janeiro. SIMPOM 2016. www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/download/5638/5082. Acesso em: 22 de maio de 2018 as 21h31min.

SCHERER, Suely; BRITO, Glaucia da Silva. Educação a distancia: possibilidades para a aprendizagem cooperativa em ambientes virtuais de aprendizagem. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 53-77. Editora UFPR. <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00053.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2018 às 15h31min.

PELLIZZON, Marcos de Alencar. O ensino não formal em música: reflexões sobre concepções pedagógico-musicais e a formação da identidade profissional de um músico trompetista de orquestra sinfônica. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro 2010.

www.unirio.br/ppgm/arquivos/dissertacoes/marcos-pellizzon/at_download/file. Acesso em: 22 de maio de 2018 às 21h32min.

COTA, Senis Martino. O uso das tecnologias instrumentais na educação musical: revisão bibliográfica. Comunicação oral, Congresso Nacional da ABEM, 2015. <http://www.amplificar.mus.br/O-uso-das-tecnologias-instrumentais-na-educacao-musical--revisao-bibliografica>. Acesso em: 16 de junho de 2018 às 16h19min.

NARITA, Flávia Motoyama. Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem informal. REVISTA DA ABEM, Londrina v.23 n.35 62-75 jul.dez 2015. <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/553>. Acesso em: 04 de abril de 2018 às 20h16min.

FARBIARZ, Alexandre; FARBIARZ, Jackeline. Transversalidade | Design | Linguagens: Reflexão acerca do design de ambientes virtuais de aprendizagem. Revista Triades 2010. <https://triades.emnuvens.com.br/triades/article/view/7/4>. Acesso em: 14 de novembro de 2018 as 11h07min.

SEVERO SANTOS, J. F. (2006). Avaliação no Ensino a Distância. *Revista Iberoamericana De Educación*, 38(4), 1-9. Recuperado a partir de <https://rieoei.org/RIE/article/view/2645>. Acesso em: 20 de novembro de 2018 as 15h06min.

FLUMINHAN, Carmem Silvia Lima; ARANA, Alba Regina Azevedo; FLUMINHAN, Antônio. A importância do feedback como ferramenta pedagógica na educação a distancia. Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 2013. https://www.academia.edu/21838710/A_import%C3%A2ncia_do_feedback_como_ferramenta_pedag%C3%B3gica_na_educac%C3%A7%C3%A3o_a_dist%C3%A2ncia. Acesso em: 20 de novembro às 15h39min.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

GREEN, Lucy. *How Popular Musicians Learn: a way for music education*. England: Ashgate, 2002.

_____. Lucy. *Music, Informal Learning and School: a New Classroom Pedagogy*. England: Ashgate, 2008.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não formal. In: INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (*IDE*). Sion (Suisse). 2005. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/Educao_formal_nao_formal_2005.pdf>. Acesso em: 16 de novembro às 16h19min.

BELTRAME, Jucilene Araldi. Transformações tecnológicas e mudanças na aprendizagem musical: um estudo sobre redes sociais na aprendizagem *online*. In: SIMPOSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA (SIMPOM) *Anais...* Disponível em <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/4570/4092>> Acesso em: 16 de junho às 16h30min.

GALIZIA, Fernando Stanzione. Educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio: considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, 76-83, mar. 2009. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista21/revista21_artigo8.pdf> Acesso em: 16 de junho às 16h43min.

GOHN, Daniel. Tecnofobia na música e na educação: origens e justificativas. *Opus*, Goiânia, p. 161 -174, v.13. n. 2, 2007. Disponível em <http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/13.2/files/OPUS_13_2_Gohn.pdf> Acesso em: 16 de junho às 16h57min.

JESUS, Elieser Ademir de; URIARTE, Mônica Zewe; RAABE, André Luís Alice. Zorelha: utilizando a tecnologia para auxiliar o desenvolvimento da percepção musical infantil através de uma abordagem construtivista. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 20, 69-78, set. 2008. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista20/revista20_artigo7.pdf> Acesso em: 16 de junho às 17h08min.

KRUGER, S. E.; _____, Susana Ester. Educação musical apoiada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 14, 75-89, mar. 2006. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista14/revista14_artigo8.pdf> Acesso em: 16 de junho às 18h00min.

PEREIRA, Sarita Araújo. Ensino Musical para surdos: um estudo de caso com a utilização de tecnologia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, *Anais...*2014, p. 445-452. Disponível em <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/viewFile/4579/4101>> Acesso em: 16 de junho às 18h15min.

SANTOS, André de Melo. Desenvolvendo um aplicativo para a prática da leitura rítmica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, *Anais...*2014, p. 212-220. Disponível em <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/4547/4075>> Acesso em: 16 de junho às 18h32min.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

PETERS, O. Didática do ensino a distância. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

VALENTE, J. A. A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. In: JOLY, Maria Cristina (Ed.) Tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 15-37.

HAYDT, R. C. (2002): Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo, Ática.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação*, II^a Série, Número 1, p. 35-50, 2014.

_____. Introdução – Cenário geral: educação não formal – o que é e como se localiza no campo da cultura. In, GOHN, Maria da Glória (Org). *Educação Não Formal no Campo das Artes*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 15-28.

COTA, Denis Martino. O uso das tecnologias instrumentais na educação musical: revisão bibliográfica. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Instituto Benjamin Constant. Disponível em abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/. Acesso em 16 de junho as 16 horas e 00 minutos.

GOHN, Daniel. *As Novas Tecnologias e a Educação Musical*, 2002.

PINTO, Mirim Corrêa. Tecnologia e ensino-aprendizagem musical na escola: uma abordagem construtivista interdisciplinar. Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EOA-7KGPLD/texto_tese_pdf.pdf?sequence=1. Acesso em 22 de maio de 2018 as 22h e 01 minutos.

White, J. V. (2006). *Edição e design: para designers, diretores de arte e editores*. São Paulo: JSN Editores.

Weber, D., & Oliveira, L. R. (2014). *Material didático: um espaço pedagógico na EAD*. In XI Colóquio sobre Questões Curriculares/ VII Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares/ I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares (pp.976 – 981). Braga.

WEBER. Fátima Rosas. O uso de tecnologias digitais no desenvolvimento de competências Tecnológico - musicais para a educação. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, Anais...2012, p. 374 - 383. Disponível em <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/2458/1787>> Acesso em: 16 junho de 2018 as 18 horas e 40 minutos.

PEREIRA, Sarita Araújo. Ensino Musical para surdos: um estudo de caso com a utilização de tecnologia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA SIMPOM, Rio de Janeiro, Anais...2014, p. 445 - 452. Disponível em

<<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/viewFile/4579/4101>> Acesso em: 16 junho de 2018 as 18 horas e 40minutos.

ANEXOS

Parte A – Introdução e informações gerais do curso				
	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	Página de introdução e orientação geral sobre o curso	Explica o funcionamento e organização do curso Indica opções claras sobre como começar/iniciar Introduce o professor/ mediador/tutor		
2	Ementa detalhada	Clareza quanto o que é esperado do aluno Detalha avaliações e critérios Clareza quanto a datas para leituras, atividades, e outras interações.		
3	Formato da ementa	É possível imprimir a ementa com facilidade		
4	Políticas claras	Tem links ou informações claras sobre políticas institucionais (plágio, direitos autorais, o que é permitido, o que não é) – <i>particularmente pertinentes para cursos EaD institucionais.</i>		
5	Sistemas de apoio	Detalha mecanismos para obter apoio e suporte (técnico, conteúdo, tutoria, etc.). Informações de contato do professor/tutor/outro estão claramente disponíveis		
6	Explicita modelo	Detalham claramente quais são os modelos e métodos de interação (totalmente à distância? Híbrido?).		

7	Mecanismos técnicos	Explicita modelos disponíveis para interação e restrições ou necessidades técnicas para participar no curso (acesso com celular, tipos de navegadores, acesso com senha, necessidade de webcam/microfone, etc.).		
8	Objetivos claros	Detalha os objetivos do curso Relação entre os objetivos e as atividades avaliativas é clara (as atividades ajudam a atingir os objetivos do curso)		

Parte B – Tecnologia e ferramentas

	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	Habilidades demandadas para o uso das tecnologias empregadas no curso (site, software e hardware) são explicadas claramente e apontam para recursos de apoio.	Deixa claro, por exemplo, se você precisa de um navegador específico, um nível de conexão a internet, ou se alguma funcionalidade precisa de um plug-in (como Flash), etc. para que o aluno possa se preparar e saber se conseguirá participar efetivamente.		
2	As habilidades técnicas demandadas para participação nas atividades de aprendizagens do curso são acompanhadas de oportunidades de orientação, para prática ou experimentação, quando apropriado.	Quando alguma atividade técnica demanda experiência, é importante que o curso permita que o aluno experimente, que seja oferecida alguma orientação prévia, ou que exista um tutorial, dentre outras possibilidades.		
3	As habilidades	Se uma videoconferência		

	técnicas demandadas para participação nas atividades de aprendizagens do curso são acompanhadas de oportunidades de orientação, para prática ou experimentação, quando apropriado.	acontece toda semana, esse link deve ser bem fácil de achar. Se por exemplo, fóruns não são utilizados, o link deve ser removido do menu.		
4	O curso inclui link para os termos de privacidade/ termo de uso do curso e suas tecnologias.	O curso, como qualquer site, tem que deixar claro como os dados dos seus alunos são utilizados (pela instituição, organização, ou professores). Normalmente há um link com uma página, muitas vezes no rodapé.		
5	As tecnologias seguem padrões de acessibilidade.	Existem padrões nacional e internacional para acessibilidade na web. Você não terá necessariamente condições de avaliar isso, mas precisa verificar se o curso menciona que faz uso de padrões de acessibilidade.		

Parte C – Design e layout

	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	O curso tem um layout (disposição) lógico, consistente e pouco bagunçado. O curso é fácil de navegar.	Cores consistentes, posição dos ícones, conteúdo de tipos similares estão juntos, títulos são claros e descritivos		
2	Pedaços grandes de informação são divididos em seções com tamanhos razoáveis.	Há amplo espaço branco entre cada seção. A visualização do curso é boa em dispositivos móveis (como celulares).		
3	Há contraste o suficiente entre texto e fundo para que o conteúdo possa ser lido com facilidade.	Facilita leitura e acessibilidade. Texto azul claro em azul escuro, por exemplo é, geralmente, uma péssima ideia. Procure contrastes fortes.		
4	Existem instruções claras e bem escritas ao longo das	Instruções existem ao longo do curso, deixando claros os procedimentos e passos, quando necessário. Ou seja, você não se vê sem uma		

	páginas e do andamento do curso.	orientação em partes importantes do curso.		
5	O curso não tem erros de português.	Palavras erradas, erros gramaticais, traduções mal escritas, etc.		
6	O curso tem títulos, cabeçalhos e outros estilos que facilitam a leitura e organizam a estrutura dos conteúdos.	Como um bom documento, o uso de estilos facilita a identificação de níveis de conteúdo e informação. Como muitos cursos dependem de texto, as regras de formatação também se aplicam aqui.		
7	O curso não faz uso de imagens e textos piscantes.	Movimentos bruscos e textos que piscam não são métodos efetivos de obter a atenção do aluno.		
8	A fonte utilizada é apropriada para a web – é de fácil leitura.	Há longo debate sobre o uso de fontes <i>serif</i> versus <i>sans-serif</i> . No entanto, com o crescimento de fontes feitas para a web a distinção diminuiu. O importante é que o tamanho seja apropriado e a leitura, fácil.		
9	Quando possível à informação é disponibiliza	Tabelas dificultam o trabalho de leitores de tela (para pessoas cegas, por exemplo). A não ser que seja necessário, e nesse		

	da em formato linear, evitando o uso de tabelas.	caso seguindo padrões de acessibilidade, é melhor evitar. Portanto, veja se há uso desnecessário de tabelas.		
10	As colunas nas tabelas tem nome (cabeçalho) e um nome/resumo descritivo.			
11	Apresentações (slides) tem um layout comum e tem descritivos/títulos.	O uso de layouts comuns facilita a orientação dos alunos ao ver vários slides no curso. O uso permite que o aluno saiba o objetivo dos slides e sua utilidade/escopo no curso		
12	Os slides têm transições simples, sem mudanças automáticas.	Transição automática tira o controle do usuário e o uso de truques de transição usualmente não funcionam em todos os sistemas e atrapalham mais do que ajudam o entendimento.		

Parte D – Conteúdo e atividades

	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	<p>Conteúdos do curso oferecem uma serie de recursos que engajam e facilitam a comunicação e a colaboração, apresentam conteúdo e apoiam a aprendizagem.</p>	<p>Importante que existe uma variedade de tipos de conteúdo e oportunidades de engajamento (interações, trocas, avaliações, etc.)</p>		
2	<p>Curso providencia atividades para que os alunos desenvolvam níveis de pensamento sofisticado e resolução de problemas, como através do uso de uma reflexão critica e</p>	<p>Em cursos onde o aluno tem pouca ou nenhuma interação com pares, pode ser mais difícil engajar em discussões e pensamento critico (ou ao menos, medir se isso acontece). No entanto, verifique se o curso encoraja e das oportunidades para reflexões e o pensamento critico sobre os conteúdos abordados.</p>		

	analise.			
3	Curso oferece atividade que estimulam aplicações na vida real no âmbito da disciplina como aprendizagem prática, estudos de caso e aprendizagem baseada em problemas.	Verifique se o curso encoraja ou trabalha a contextualização (a realidade do aluno) do curso.		
4	Quando disponível, Recursos Educacionais Abertos (REA), recursos grátis ou de baixo custo são utilizados.	REA permitem a troca, alteração e o remix – fazendo com que o material possa ser efetivamente apropriado pelo aluno. Além disso, cobrar por cursos/recursos diminui o público do curso.		
5	Recursos do curso incluem informações sobre direitos	Procurar por informações em um link específico, ou no rodapé da página (“Termos de uso” ou “Licença de uso”, ou ainda procure pelo símbolo da		

	<p>autorais ou licenças, claramente explicando permissões de uso.</p>	<p>licença). O curso faz um esforço para deixar os termos claros?</p>		
6	<p>Conteúdo textual esta em um formato de fácil acesso, preferencialmente em texto (HTML).</p>	<p>O uso de um formato padrão como a linguagem da web (HTML) facilita muito a visualização em diferentes dispositivos (por exemplo, celulares) bem como a leitura por tecnologias assistias.</p>		
7	<p>O equivalente ao texto esta disponível para cada elemento que não é texto. Por exemplo: vídeos têm legendas, áudios são transcritos, imagens tem descrições, etc.</p>	<p>Para que seja acessível, esses elementos precisam ser lidos por tecnologias assistivas que dependem do texto (senão, teriam que interpretar imagens, por exemplo). Legendas, por exemplo, são importantes para alunos surdos.</p>		
8	<p>Texto deve ser o modo principal de entrega de conteúdo.</p>	<p>Texto e bem mais econômico (para download) e acessível que vídeo e imagem – principalmente para aqueles sem boa conexão.</p>		

9	Links devem ser descritivos de modo que façam sentido fora de contexto.	Evite links que dizem algo como "clique aqui". Para acessibilidade isso pode ser um problema.		
---	---	--	--	--

Parte E – Interação

	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	As expectativas são apropriadas em termos de tempo e os mecanismos de retorno (<i>feedback</i>) dos professores e claro (perguntas, e-mail, atividades).	Expectativas claras ajudam a definir o que é esperado dos alunos, e o que os alunos podem esperar do professor. Procure por descritivos claros sobre datas de entrega e procedimentos do curso.		
2	Expectativas para a interação por parte dos alunos são explicadas com clareza (comportamento esperado/regras, notas, modelos (e exemplos, frequência e momentos de contribuição esperados).	O curso deixa claro o que se espera dos alunos em termos de participação (por exemplo X postagens em fórum por semana, ou por atividade; participação em bate-papos). Em cursos sem mediação, procure ver se isso também está claro. Se não há, por exemplo, qualquer mecanismo de troca com outras pessoas – alunos ou professores, isso precisa estar claro.		

3	Alunos tem a oportunidade para conhecer o professor.	Procure por oportunidades dedicadas de apresentação entre alunos e professores (chat, fóruns), vídeo gravado do professor se apresentando, ou mesmo um texto descritivo sobre o professor se apresentando e apresentando o curso.		
4	O curso tem recursos ou atividades que promovem: as sensações de comunidade entre os participantes apoiam a comunicação aberta entre todos, fomentam a confiança (verifique a presença de estratégias como: atividades focadas em apresentação de todos,	Mesmo em cursos não mediados, ha a oportunidade de que muitas pessoas participem ao mesmo tempo. Verifique mecanismos que auxiliem a troca e interação entre alunos e oportunidades para que se conheçam e formem grupos de afinidade/interesse. Em cursos mediados, isso deve ser fortalecido através de atividades e ferramentas de interação.		

	fóruns de apresentação, seção com perfis dos participantes, ou fórum de (perguntas e respostas).			
5	O curso oferece oportunidade para interação entre alunos e a atividades colaborativas.	Para além da interação aluno→professor, verifique mecanismos de promoção de interação entre os alunos.		
6	Alunos são encorajados a compartilhar recursos e inserir conhecimento de diversas fontes de informação em suas interações no curso.	O curso não deve ser somente “oferecido” ao aluno, mas deve permitir que o aluno contribua com conhecimento e experiência próprias (lembre-se da discussão sobre REA e educação aberta).		

Parte F – Avaliação e *feedback*

	Critério	Apontamentos	Avaliação	Seus comentários e sugestões
1	O curso explicita (em ementa ou outro local) como notas serão atribuídos às tarefas bem como serão tratados envios tardios.	Se o curso tem certificação ou notas (para ‘passar’) os critérios devem ser claros, inclusive detalhando, por exemplo, se o aluno tem que pagar pela certificação e o que é necessário para obter o certificado.		
2	O curso inclui métodos frequentes e apropriados para avaliar a apropriação dos conteúdos (habilidades/competências) por parte dos alunos.	Avaliação não deve ser punitiva. Ela funciona bem quando dá a oportunidade ao aluno para verificar se compreendeu conteúdo/desenvolveu uma habilidade. Verifique a qualidade das avaliações com base nesse critério.		
3	Critérios para avaliação das atividades que valem nota estão articuladas	Procure por algum conteúdo que explicita como notas são atribuídas, critérios para emissão de certificados, etc.		

	claramente (rubricas, exemplos de trabalhos completos).			
4	Alunos tem oportunidade de verificar sua progressão e avaliar seu aprendizado ao longo do curso (pré-testes, avaliações automáticas, atividades para reflexão individual, etc.)	Procure barras de progressão, listas que automaticamente mostrem progresso (ou que o aluno possa ‘marcar’ como ‘feito’), ou outros mecanismos que ajudem a posicionar o andamento do aluno e lacunas de participação no curso.		
5	Alunos são informados de respostas/ retornos que tem prazo específico. Comunicação sobre prazos e feita com antecedência	Se uma atividade tem prazo e importante que o aluno saiba com antecedência e que o curso use mecanismos (como um e-mail ou mensagem) de comunicação para alertar sobre prazos que vão expirar.		

	<p>e ha oportunidade para tratar de casos específicos onde mais tempo pode ser necessário.</p>			
6	<p>Alunos têm fácil acesso a um caderno de notas que é claro e bem organizado.</p>	<p>Em cursos presenciais alunos podem pedir ao professor informações sobre notas (já que usualmente isso é feito no papel). No digital, não há porque manter o progresso escondido dos alunos. Em cursos sem “nota” verifique se a progressão e aproveitamento das atividades são claros e fáceis de encontrar.</p>		
7	<p>Alunos têm diversas oportunidades para opinar (dar <i>feedback</i>) no design do curso, seu conteúdo, a experiência, e a facilidade de uso da tecnologia.</p>	<p>Cursos não são estáticos e podem ser melhorados continuamente. O <i>feedback</i> dos alunos não precisa ser recebido somente no final do curso. Procure, mesmo em cursos sem mediação, por mecanismos de <i>feedback</i> (formulários, e-mail, etc.)</p>		

